



Exame dos engenhos para as ciências. Onde se mostra a diferença de habilidades que existe nos homens e o gênero de letras que corresponde a cada um em particular.

Juan Huarte de San Juan

Tradução do primeiro capítulo da edição princeps de 1575, acompanhada de nota introdutória, por Francisco G. Ferraz e Jerry L. Soares¹

Nota introdutória

Juan Huarte de San Juan nasceu em San Juan del Pie del Puerto, Navarra, por volta de 1529 e morreu em Baeza em 1588.

Sua obra, *“Examen de ingenios para las ciencias, Donde se muestra la diferencia de habilidades que ay en los hombres, y el genero de letras que a cada uno responde en particular”*, aparece em 1575, um tratado de psicologia que teve grande impacto na história dessa disciplina, contando com muitas reedições e traduções nas décadas seguintes, apesar da censura da Inquisição. Diferentemente das teorias psicológicas dominantes em sua época, Huarte procurou mostrar que a constituição material do cérebro tinha um papel determinante nas diferenças individuais relativas ao engenho (*ingenio*).

Huarte observou que as pessoas diferem muito no aprendizado de diferentes disciplinas, de modo que “os que são rudes em uma ciência tem muita habilidade em outra, e os muito engenhosos em um gênero de letras, quando passam a outro não podem compreendê-lo”. Ao final das jornadas de estudo de uma determinada ciência, diz Huarte, alguns alunos “saem com grande erudição, outros com mediana, e outros não fizeram mais do que perder tempo, gastar seu dinheiro e quebrar a cabeça sem proveito algum”. O autor narra o espanto que o conduziu a filosofar e propor que cada ciência exige um engenho determinado e particular, o qual deslocado dela não vale nada para as demais.

1 Os tradutores são professores do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas, bolsistas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM).

Eu pelo menos fui boa testemunha desta verdade, porque entramos três companheiros a estudar latim juntos, e um aprendeu com grande facilidade e os demais jamais puderam compor uma oração elegante. Porém, quando todos os três passaram à Dialética, um daqueles que não conseguiu aprender gramática, se tornou nas artes uma águia, e os outros dois não pronunciaram uma palavra em todo curso. E tendo ido todos os três a assistir às lições de Astronomia, foi digno de nota que aquele que não conseguiu aprender Latim nem Dialética, em poucos dias sabia mais que o próprio mestre que nos ensinava, enquanto que os demais alunos jamais conseguiram aprender. (E.E. I, §9)

No primeiro Proêmio da obra, dirigido ao Rei Filipe II, Huarte circunscreve o objeto de seu tratado em seus quatro pontos fundamentais.

Todos os filósofos antigos descobriram por experiência que onde não há natureza que disponha o homem a conhecer, é inútil se esforçar segundo as regras da arte. Mas ninguém disse com distinção ou clareza qual natureza torna o homem hábil para uma ciência e incapaz para outra, nem quantas diferenças de engenho são encontradas na espécie humana, nem que artes e ciências respondem a cada uma em particular, nem com que sinais isso se daria a conhecer, que era o que mais importava. (E.E.Primeiro Proêmio, §3)

Uma das muitas utilidades dessa doutrina estaria em proporcionar aos pais a arte de descobrir o engenho dos filhos e poder aplicar a cada um a ciência na qual eles tirariam o máximo proveito. Com isso se evitaria que o carpinteiro fizesse o trabalho do agricultor, o tecelão do arquiteto, o advogado curasse e o médico advogasse. Propiciando a cada um exercer a arte para a qual tem talento natural.

Ao longo da obra Huarte estabelece os principais tipos de engenho segundo o predomínio das capacidades ou potências racionais de cada um, que produzem indivíduos memoriosos, imaginativos e intelectivos, a que correspondem gêneros distintos de saberes. Com base nisso ele elabora um “catálogo das ciências” e examina as características requeridas para as diversas artes e profissões de relevo da época, como a eloquência, a teologia, a teoria e prática da jurisprudência e da medicina, a arte militar e finalmente o “ofício do Rei”. Huarte entende sua doutrina na esteira da filosofia de Platão e afirma abertamente que ela seria facilmente entendida por aqueles que já tivessem lido os diálogos do filósofo.

Quando Platão queria ensinar alguma doutrina grave, sutil e distante da opinião comum, ele escolhia entre seus discípulos aqueles que lhe pareciam ter o engenho mais delicado, e somente a estes ele dizia sua opinião, sabendo por experiência que ensinar coisas delicadas para homens de baixo entendimento era gastar tempo em vão e estragar a doutrina (E.E.Segundo Proêmio, §1).

Em 1581 o *Exame dos engenhos* é incluído no catálogo de livros proibidos em Portugal e em 1583 a obra é incluída pelo inquisidor geral Gaspar de Quiroga no

Index librorum prohibitorum - que relacionava os livros proibidos pelas autoridades eclesiásticas. Em 1584 a obra é incluída no *Index librorum expurgatorum* - que detalhava as passagens que deveriam ser suprimidas e emendadas.

Diversas elaborações de Huarte foram censuradas pela Inquisição espanhola, entre elas provavelmente a tese de que a imortalidade da alma não seria passível de demonstração racional, questão tratada no capítulo VII do *Exame dos engenhos*. Devido à condenação a obra recebeu uma nova edição substancialmente alterada em 1594, após a morte de Huarte. Apenas três capítulos da edição original (VIII, IX, XI) não sofreram alterações pela edição reformada e o capítulo VII foi eliminado em sua totalidade.

O *Exame dos engenhos* alcançou importantes intelectuais e filósofos ao longo dos séculos XVI e XVII. Menasseh ben Israel, por exemplo, Rabino da comunidade sefardita de Amsterdam, quando cita o *Exame dos engenhos para as ciências* acha desnecessário dizer o nome do autor, pois dá como certo que seus leitores, sobretudo portugueses e espanhóis radicados nos Países Baixos, saberiam quem é Juan Huarte de San Juan². Huarte também foi lido por Baruch de Espinosa. Em um exemplar do *Tratado Teológico-Político*³ que pertenceu ao filósofo, hoje presente no acervo da Biblioteca Marucelliana de Florença, consta em suas margens, num trecho que trata dos milagres, a seguinte anotação em francês: “*Voyez l’Examen des Esprits de Huarte Chap. IV., pag. 53 et suiv.*”

Traduções e edições da obra

O *Examen de ingenios para las ciencias*, foi impresso pela primeira vez em Baeza, por Juan Baptista de Montoya, em 1575. A primeira edição da obra teve uma expressiva tiragem de 1500 exemplares. O texto em espanhol, não censurado, do *Exame dos engenhos* foi reeditado em Pamplona, 1578; Bilbao, 1580; Valência, 1580; Huesca, 1581; Leyden, 1591; Antuérpia, 1593, 1603; Leyden, 1652; Amsterdam, 1662; Bruxelas, 1702.

O texto reformado e editado de acordo com a censura imposta pela Inquisição foi publicado em Baeza em 1594, com reedições em Medina del Campo, 1603; Barcelona, 1607; Alcalá 1640; Madrid, 1668; Granada, 1768.

O *Exame dos engenhos* teve enorme sucesso na Europa dos séculos XVI e XVII, o que é atestado pelo vertiginoso número de traduções e reedições da obra. Huarte pôde ver sua obra traduzida para a língua francesa em 1580 e a italiana 1582. Nos anos seguintes à sua morte, o *Exame dos engenhos* recebeu traduções em inglês, latim, holandês e alemão. Em língua francesa, por exemplo, o *Exame dos engenhos* recebeu três traduções diferentes e impressionantes 23 edições até o final

2 Kaplan, Yosef. *From Christianity to Judaism: The Story of Isaac Orobio de Castro*. Oxford: Littman Library; Oxford University Press, 1989, p.309

3 Sonne, I. *Un manoscritto sconosciuto delle “Adnotationes” al Trattato teologico-politico di Spinoza.*, *Civiltà moderna*, 5, 1933, *Studia Spinozana*, V, 1989, pp-205-224.

do século XVII. (Lyon, 1580; París, 1588; Lyon, 1597; Rouen, 1598; Rouen, 1602; Rouen, 1607; Lyon, 1608; Lyon, 1609; Rouen, 1613; París, 1614;

París, 1619; Rouen, 1619; París, 1631; París, 1633; París, 1645; París, 1650; París, 1655; París, 1661; Lyon, 1668; París, 1668; Lyon, 1672; París, 1675; Amsterdam, 1672). A tradução aqui apresentada do primeiro capítulo do *Exame dos engenhos para as ciências*, se baseia na edição *princeps* de 1575, pois essa não foi censurada pela Inquisição.

Bibliografia

- HUARTE DE SAN JUAN, Juan, *Examen de ingenios para las ciencias. Donde se muestra la diferencia de habilidades que ay en los hombres, y el genero de letras que a cada uno responde en particular*. Baeza, Juan Baptista de Montoya, Edicion Princeps, 1575.
- _____, *Examen de Ingenios para las ciencias*, Edición preparada por Esteban Torre, editora Nacional, Madrid, 1976
- _____, *Examen de Ingenios para las ciencias*, Edición de Guillermo Serés, Ediciones Cátedra, Letras Hispánicas, Madrid, 1989.
- KAPLAN, Yosef. *From Christianity to Judaism: The Story of Isaac Orobio de Castro*. Oxford: Littman Library; Oxford University Press, 1989
- TORRE, Esteban. Introducción, in Huarte, 1976.
- SERÉS, Guillermo. Introducción, in Huarte, 1989.
- SONNE, I. Un manoscritto sconosciuto delle “Adnotationes” al Trattato teologico-politico di Spinoza., *Civiltà moderna*, 5, 1933, *Studia Spinozana*, V, 1989, pp-205-224

Exame dos engenhos para as ciências.

Onde se mostra a diferença de habilidades que existe nos homens e o gênero de letras que corresponde a cada um em particular.

Juan Huarte de San Juan

CAPÍTULO I

Onde se prova por um exemplo que se o jovem não tem o engenho e a habilidade requeridos pela ciência que pretende estudar, é inútil escutá-la de bons mestres, ter muitos livros e trabalhar neles toda a vida.

1 – Cícero⁴ pensava que, para que seu filho Marco se saísse tal qual ele desejava (naquele gênero de letras que havia escolhido), bastaria enviá-lo a uma escola tão famosa e celebrada pelo mundo como a de Atenas, e que tivesse por mestre Crátipo, o maior filósofo daqueles tempos, e mantê-lo em uma cidade muito populosa onde, pelo grande fluxo de pessoas que para lá se dirigiam, necessariamente haveria muitos exemplos e novidades que lhe ensinariam, por experiência, coisas tocantes às letras que aprendia.

2 - Porém, com todas essas diligências e muitas outras mais que, como bom pai, ele faria (comprando-lhe livros e escrevendo-lhe outros de sua própria invenção) contam os historiadores que o filho revelou-se um grande néscio, com pouca eloquência e menos ainda filosofia. Coisa muito comum entre os homens, o filho pagar pela demasiada sabedoria do pai.

4 Livro I, *Le of iciis*.

3 - Cícero devia ter realmente imaginado que, embora seu filho não tivesse extraído das mãos da natureza o engenho e a habilidade que a eloquência e a filosofia pediam, com a boa indústria daquele mestre, e os muitos livros e exemplos de Atenas, mais o trabalho contínuo do jovem, e o passar do tempo, as deficiências de seu entendimento seriam corrigidas. Porém, enfim, vemos que ele se enganou, do que não me admiro, porque ele tinha muitos exemplos a esse respeito que lhe animaram a pensar que o mesmo poderia acontecer a seu filho. E assim, o próprio Cícero⁵ conta que Xenócrates era de engenho muito rude para o estudo da filosofia natural e moral (sobre o qual Platão disse que tinha um discípulo que precisava de esporas). Porém, com a boa indústria desse mestre, e com o contínuo trabalho de Xenócrates, tornou-se um grande filósofo.

4 - O mesmo escreve sobre Cleante, que era tão estulto e raciocinava tão mal que nenhum mestre queria recebê-lo em sua escola. O rapaz, escorraçado e ofendido, a partir daí trabalhou tanto nas letras, que veio a ser chamado depois o segundo Hércules em sabedoria. Não menos inadequado parecia o engenho de Demóstenes para a eloquência, pois dizem que não sabia falar, sendo já um rapaz um pouco crescido. Trabalhando com cuidado na arte, e ouvindo bons mestres, tornou-se o maior orador do mundo. Em especial, conta Cícero, ele não podia pronunciar a letra R, porque balbuciava. Veio depois, com jeito, a articulá-la tão bem como se nunca tivesse tido tal vício. Disso tem origem o refrão que diz que o engenho do homem para as ciências é como quem joga dados, *que se na aparência ele está sem sorte, mostrando-se com arte para os movimentos no tabuleiro, acaba por corrigir sua má fortuna*.

5 - Nenhum desses exemplos que Cícero traz, porém, deixa de ter resposta muito conveniente na minha doutrina, porque, como adiante provaremos, existe rudeza nos jovens que desenvolveram o engenho com mais idade, mas que manifestaram habilidade desde pequenos; antes, é indício de se tornarem homens néscios, começar logo a raciocinar e serem sensatos. Porque se Cícero tivesse alcançado os verdadeiros sinais com que se descobrem os engenhos na primeira idade, teria considerado bom indício Demóstenes ser rude e atrasado na fala, e Xenócrates ter necessidades de esporas quando estudava. Eu não nego ao bom mestre, à arte e ao trabalho, sua virtude e força para cultivar os engenhos, tanto rudes quanto hábeis. O que quero dizer, porém, é que se o jovem não tem o seu entendimento preñado por si próprio dos preceitos e regras determinantes daquela arte que quer aprender, e não de outra qualquer, é vão o zelo de Cícero para com seu filho, e aquele que qualquer outro pai teria com o seu.

6 - Esta doutrina será entendida facilmente como verdadeira por aqueles que leram, em Platão⁶⁵, que Sócrates era filho de uma parteira (como ele mesmo conta a respeito de si). Sua mãe, ainda que uma grande mestra na arte obstetrícia, não

5 Livro *De Fato*

6 Diálogo *De scientia*.

podia fazer parir à mulher que viesse às suas mãos, antes que estivesse grávida. Assim, usando o mesmo ofício de sua mãe, ele não podia fazer os seus discípulos parirem a ciência, não tendo eles o entendimento por si próprio emprenhado⁷⁶. Teria entendido que as ciências são como que naturais somente aos homens que possuem engenhos adequados para elas, e que nesses acontece o que vemos, por experiência, naqueles que esqueceram aquilo que antes sabiam: basta apenas lhes mostrar uma palavra, que por ela recuperam todo o resto.⁸

7 - Os mestres não têm outro ofício com seus discípulos (pelo que eu entendi), além de apontar-lhes a doutrina; porque se os alunos têm engenho fecundado, apenas com isso lhes fará parir conceitos admiráveis. Se não têm, atormentam a si próprios e àqueles que lhes ensinam, e jamais alcançam o que pretendem. Eu, ao menos, se fosse mestre, antes de receber em minha escola algum discípulo, faria com ele muitas provas e experiências, para descobrir seu engenho; e se ele fosse de boa natureza para a ciência que eu professava, eu o receberia de bom grado, porque é grande o contentamento, para aquele que ensina, instruir ao homem de boa habilidade. E se não fosse, aconselhá-lo-ia a estudar a ciência que mais conviesse seu engenho. Porém se eu entendesse que ele não tinha disposição nem capacidade para nenhum gênero de letras, diria a ele com amor e palavras brandas: *“Meu irmão, não há remédio para você se tornar homem pelo caminho que você escolheu; pela sua vida, não perca tempo nem trabalho, e busque outra maneira de viver que não requeira tanta habilidade como as letras”*.

8 - A experiência é tão clara em relação a isso, pois vemos entrar em um curso de qualquer ciência um grande número de discípulos. No fim da jornada, seja o mestre ou muito bom, ou muito ruim, uns saem com grande erudição, outros com mediana, e outros não fizeram mais, em todo o curso, do que perder tempo, gastar seu dinheiro, e quebrar a cabeça sem proveito algum. Eu não sei de onde possa nascer esse efeito, tendo ouvido todos um mesmo mestre, e com igual zelo e cuidado, e por ventura os rudes tendo trabalhado mais do que os hábeis. E a dificuldade cresce, vendo que os que são rudes em uma ciência, têm muita habilidade em outra, e os que são muito engenhosos em um gênero de letras, quando passam a outro, não podem compreendê-lo.

9 - Eu, pelo menos, fui boa testemunha dessa verdade, porque entramos três companheiros a estudar latim juntos. Um aprendeu com grande facilidade, e os demais jamais puderam compor uma oração elegante. Porém, quando todos os três passaram à Dialética, um daqueles que não conseguiu aprender gramática tornou-se uma águia nas artes, e os outros dois não pronunciaram uma palavra em todo o curso. E tendo ido todos os três a assistir às lições de Astronomia, foi digno de nota que aquele que não conseguiu aprender Latim nem Dialética, em poucos

7 Tão somente pelo entendimento de Sócrates se pode verificar essa comparação; porque ensinava perguntando, e fazia com que o próprio discípulo aprendesse a doutrina sem que ele a dissesse.

8 A sabedoria humana não é reminiscência. E assim, condenamos adiante a Platão por tê-lo dito.

dias sabia mais que o próprio mestre que nos ensinava, enquanto que os demais alunos jamais conseguimos aprender. Depois disso, espantando, comecei logo a discorrer e filosofar sobre isso, e descobri, por conta própria, que cada ciência exige seu engenho determinado e particular, o qual afastado dela não vale nada para as demais letras. Se isso for verdade, e é, faremos sua demonstração mais adiante. Se alguém entrasse, hoje em dia, nas escolas do nosso tempo, para testar e provar os engenhos, ele trocaria quantos de ciências? E quantos mandaria para o campo, por serem estúpidos e incapazes para o saber? E quantos recuperaria, daqueles que, por terem pouca fortuna, estão atados a artes vís, mas cujos engenhos a natureza criou somente para as letras? Mas como isso não pode ser feito, nem remediado, não há nada a fazer senão aceitar essa situação.

10 - Isto que eu disse, pelo menos, não se pode negar, senão que há engenhos determinados para uma ciência, os quais para outras são inadequados; e convém, portanto, antes que o jovem comece a estudar, que se descubra a característica de seu engenho, e que se veja qual das ciências convém melhor à sua habilidade, e fazer com que a aprenda. Deve-se também considerar, porém, que não basta isso que foi dito para que ele se torne um letrado consumado, mas que terão de ser observadas outras condições não menos necessárias do que ter habilidade. E assim, diz Hipócrates⁹, o engenho do homem tem a mesma proporção com a ciência que a terra tem com a semente; a qual, mesmo que seja por si própria fecunda e frutífera, precisará ser cultivada, e que seja observado para qual gênero de semente ela tem mais disposição natural. Porque não é qualquer terra que pode produzir, sem distinção, com qualquer semente. Algumas aceitam melhor o trigo do que a cevada, e outras melhor a cevada do que o trigo. E entre as variedades do trigo, há terras que multiplicam muito o candial, mas não podem receber o triticales. E o bom lavrador não se contenta somente em fazer essa distinção. Porém, depois de ter arado a terra em boa ocasião, aguarda o tempo conveniente para semear, porque não é em qualquer época do ano que isso pode ser feito. Depois de nascido o trigo pan, limpa-o e retira as ervas daninhas, para que ele possa crescer, e dar mais adiante o fruto que se espera da semente. Assim, depois de conhecida a ciência que é melhor para tal homem, convém que ele comece a estudá-la na primeira idade, porque esta, diz Aristóteles¹⁰, é a mais capacitada de todas para aprender. Além do mais, como a vida do homem é muito curta, e as artes largas e espaçosas, é necessário que haja tempo suficiente para aprendê-las, e tempo para poder exercitá-las¹¹, e com elas aproveitar a República.

11 - Diz Aristóteles¹² que a memória dos jovens está vazia e sem representação alguma, porque nasceram há pouco, e assim recebem qualquer coisa com facilidade.

9 Livro *Lex Hippoc.*

10 *30ª sectione, Problem., 4.*

11 *Hippoc., 1º Aphor.*

12 *30ª sectione, Problem., 4.*

Não é como a memória dos homens mais velhos que, cheia de tantas coisas que viram no longo percurso de sua vida, nelas não cabem mais coisas. E por isso recomendou Platão¹³ que diante das crianças contemos sempre fábulas e narrações honestas, que incitem às obras de virtude, porque o que se aprende nessa idade jamais será esquecido. E não, como disse Galeno¹⁴: “*As artes devem ser aprendidas quando nossa natureza tem todas as forças que pode alcançar*”. Ele não tem razão, porém, se não fizer a seguinte distinção: aquele que deve aprender latim ou qualquer outra língua, terá de fazê-lo na infância, porque jamais o conseguirá, se aguardar que o corpo se desenvolva e alcance a maturidade que há de ter.

12 - Na segunda idade que é a adolescência, deve trabalhar a arte de raciocinar, porque já se começa a descobrir o entendimento, o qual tem com a dialética a mesma proporção que as travas que colocamos nas patas de uma mula não domada, que andando alguns dias com as travas, obtém depois certa graça no andar; assim o nosso entendimento, trabalhado com as regras e preceitos da dialética, obtém depois um modo de discutir e raciocinar muito gracioso nas ciências e disputas¹⁵.

13 - Chegada a juventude, pode-se aprender todas as outras ciências que pertencem ao entendimento, porque já está bem descoberto. É verdade que Aristóteles exclui a filosofia natural, dizendo que o jovem não está disposto para esse gênero de letras; no que parece ter razão, por ser uma ciência de mais alta consideração e prudência que qualquer outra.

14 - Conhecida já a idade em que terão de ser aprendidas as ciências, convém buscar logo um lugar apropriado para elas, onde não se trate de outra coisa além das letras, como são as universidades. Porém, o jovem terá de sair da casa de seu pai; porque os agrados da mãe, dos irmãos, parentes e amigos que não são de sua profissão, são grande estorvo para o aprendizado. Isto se vê claramente nos estudantes naturais das vilas e localidades onde há Universidades; nenhum dos quais, a não ser por grande maravilha, jamais sai letrado. Isso pode ser facilmente remediado com a troca de Universidade: os naturais da cidade de Salamanca estudarem na vila de Alcalá de Henares e os de Alcalá em Salamanca.

15 - A saída do homem de seu lugar natural para ser valoroso e sábio é de tanta importância que não há mestre no mundo que possa ensinar tanto, especialmente vendo-se muitas vezes desamparado do favor e regalo de sua pátria. “Sai de tua terra - disse Deus à Abraão - do meio dos teus parentes e da casa de teu pai e venha ao lugar que eu te ensinarei, no qual engrandecerei teu nome e te darei minhas bênçãos”¹⁶.

13 Diálogo *De Iusto*

14 *In Oratione suasoria ad bonas artes.*

15 Na segunda idade, que chamam de adolescência, o homem faz a composição de todas as diferenças de engenho, na forma como podem ser compostas, por ser a idade mais temperada de todas. E, assim, não convém deixá-la passar sem que sejam aprendidas as letras com as quais o homem terá de viver. *Ciceronis, De officiis, 1.*

16 *Gênesis, XII, 1-2.*

Deus disse isso mesmo a todos os homens que desejam ter valor e sabedoria; porque embora possa abençoá-los em sua terra natal, quer que os homens se disponham com aquele meio que Ele ordenou, e que a prudência não lhes venha de graça.

16 - Tudo isso supõe que o homem tenha bom engenho e habilidade, porque se não, quem besta vai a Roma, besta retorna; pouco proveito tem o rude, por ir estudar em Salamanca, onde não há cátedra de entendimento, nem de prudência, nem homem que a ensine¹⁷.

17 - A terceira diligência é buscar mestre que tenha claridade e método no ensinar, e que sua doutrina seja boa e segura, não sofisticada nem de vãs considerações. Porque tudo o que faz o discípulo, na medida em que aprende, é crer em tudo o que lhe propõe o mestre, por não ter discricção nem inteiro juízo para discernir nem apartar o falso do verdadeiro. Embora isso seja caso fortuito, e não dependendo da escolha dos que aprendem, vir a estudar em universidades com mestres bons ou ruins. Como aconteceu a alguns médicos de quem Galeno conta que tendo-lhes já convencido, com muitas experiências e razões, que a prática que usavam era errada e em prejuízo da saúde dos homens, lágrimas lhe saíram dos olhos, e em sua presença começaram a maldizer o destino e a má sorte que tiveram por topar com mestres ruins no tempo que aprenderam¹⁸.

18 - Verdade é que existem engenhos de discípulos tão felizes, que entendem logo as condições do mestre e a doutrina que traz. E se é má, eles sabem refutá-la e aprovar o que ela possui de bom. Esses tais ensinam muito mais o mestre ao longo do ano do que o mestre a eles, porque duvidando e perguntando agudamente, lhe fazem saber e responder coisas tão delicadas que jamais soube nem saberia se o discípulo, com a felicidade de seu engenho, não lhes apontasse. Porém os que podem fazer isso são apenas um e no máximo dois e os rudes são infinitos. E assim é bom (já que não se fará exame e escolha de engenhos para as ciências) que as Universidades possuam sempre bons mestres, que tenham uma sã doutrina e claro engenho, para que não ensinem erros nem falsas proposições aos ignorantes.

19 - A quarta diligência que se deve fazer é estudar a ciência com ordem, começando por seus princípios, subir pelos meios até o fim, sem ouvir matéria que pressuponha outra primeiro. Por onde sempre tive por erro ouvir muitas lições de várias matérias e passá-las todos juntas em casa. Por esse caminho se faz um emaranhado de coisas no entendimento, que depois na prática o homem não sabe ter proveito dos preceitos de sua arte, nem assentá-los no seu lugar conveniente. Muito melhor é trabalhar cada matéria por si e com a ordem natural que tem em sua composição; porque da maneira que se aprende, daquela mesma forma se assenta na memória.

17 *Tu nihil invita dices faciesve Minerva.* [«Não dirás nem farás nada, se minerva não quiser».]¹⁷
8.º *Meth.*, cap. IV.

18 8.º *Meth.*, cap. IV.

20 - Fazer isso convém mais, particularmente, aos que por sua própria natureza possuem o engenho confuso; e pode-se remediar facilmente ouvindo somente uma matéria, e terminada aquela, entrar na que se segue até cumprir com toda a arte. Galeno, entendendo quanto importava estudar com ordem e harmonia as matérias, escreveu um livro¹⁹ para ensinar a maneira que se deveria adotar para ler suas obras, com a finalidade de que o médico não se tornasse confuso. Outros acrescentaram que o estudante, enquanto aprende, não deveria ter mais do que um livro que contenha a doutrina de modo simples, e que nesse livro estude, e não em muitos, para que não se atrapalhe nem se confunda; e eles nisso tem grande razão.

21 - A última coisa que torna o homem um grande letrado é gastar muito tempo nas letras e esperar que a ciência se desenvolva e estabeleça profundas raízes. Porque da maneira que o corpo não se mantém pelo muito que comemos e bebemos em um dia, mas sim daquilo que o estômago digere e altera, assim o nosso entendimento não engorda com o muito que lemos em pouco tempo, mas sim do que pouco a pouco vai entendendo e ruminando. A cada dia o nosso engenho vai se dispondo melhor; com o passar do tempo vem a lidar com coisas que antes não podia alcançar nem saber.

22 - O entendimento tem seu princípio, crescimento, estabilidade e declínio, como o homem, os demais animais e plantas. Ele começa na adolescência, tem seu crescimento na juventude, se estabiliza na idade adulta e começa a declinar na velhice. Portanto, aquele que quer saber quando seu entendimento tem todas as forças que pode alcançar, saiba que é desde os trinta e três anos até os cinquenta, um pouco mais ou um pouco menos. Tempo no qual se dá crédito aos autores importantes, se no decurso de sua vida houver sentenças contrárias. E aquele que quer escrever livros terá de fazê-lo nesta idade, e não antes nem depois, se não quiser se retratar nem mudar seus escritos.

23 - Porém as idades dos homens não tem em todos a mesma conta e razão²⁰. Porque para uns a infância acaba aos doze anos, para outros aos quatorze, para outros aos dezesseis e para outros aos dezoito. Esses têm as idades muito alargadas, porque chegam à sua juventude com pouco menos de quarenta anos, à fase adulta aos sessenta e tem outros vinte anos de velhice, com os quais se completa oitenta anos de vida, que é o término dos mais abastados. Os primeiros, para os quais a infância acaba aos doze anos, são de vida muito curta. Começam logo a raciocinar e as barbas a crescer; e o engenho se lhes dura muito pouco e começam a caducar aos trinta e cinco anos; e aos quarenta e oito a vida se lhes acaba.

24 - De todas as condições que eu falei, nenhuma deixa de ser muito necessária, útil e proveitosa para que o jovem obtenha sabedoria. Porém, ter natureza boa e

19 Livro *De ordine librorum suorum*.

20 *Nec tamen est has aetates annorum numero circumscribere, quemadmodum nonnulli fecerunt; nisi forte in latitudine quadam. [« Não se trata de precisar essas idades com um número fixo de anos, como pretenderam alguns; mas sim dentro de uma certa margem».] Galeni, Livro. VI, *De sanitate tuenda*.*

correspondente à ciência que quer estudar, é o que é mais importante; porque com ela, vemos que muitos homens começaram a estudar passada a juventude e ouviram de mestres ruins, com desordem e em suas terras de origem, e em pouco tempo se tornaram grandes letrados; e se falta o engenho, diz Hipócrates, todo o resto são diligências perdidas²¹.

25 - Porém, aquele que mais lhe deu valor foi o bom Marco Cícero, o qual, com a dor de ver seu filho tão néscio, vendo que para nada serviram os meios que buscou para torná-lo sábio, disse assim: *nam quid est aliud gigantum more bellare cum diis, nisi naturae repugnare?* Como se dissesse: “Que coisa se parece mais com a batalha que os gigantes travaram com os deuses, que pôr o homem para estudar faltando-lhe o engenho?” Porque da mesma maneira que os gigantes nunca venciam os Deuses, mas eram sempre vencidos por eles, assim qualquer estudante que procure vencer a sua natureza má será vencido por ela. E por isso, nos aconselha o próprio Cícero que não lutemos contra a natureza, nem procuremos ser oradores se ela não consente, porque trabalharemos em vão.

FIM DO PRIMEIRO CAPÍTULO

seculo eris advocalas. [Chegas tarde Baldo; serás advogado em outro século».]
E, por ter o engenho acomodado para as leis, tornou-se em pouco tempo um famoso jurista.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

21 *Principalissimum quidem omnium praedictorum est natura; nam si haec afuerit his qui artibus animum applicant, per omnia praedicta penetrare poterunt.* [« A principal condição é a natureza. Se os que se dedicam às ciências a possuem, poderão penetrar em todos os seus pormenores».]
Hippoc., livro *De decenti ornatu*. 4. É assim, Baldo vem a estudar leis, já velho. E assim, fazendo troça dele, lhe disseram: *Sero venis, Balde; in alio*